

## Conversão, convicção e credibilidade

QUÃO CONVINCENTE É A RECENTE ADOÇÃO DE NOVÓ CREDO DE POLÍTICA MACROECONÔMICA PELO PT ?

*Rogério L. Furquim Werneck\**

Custou mas aconteceu. O PT afinal dá mostras de ter-se convertido. Decidiu abandonar a retórica incoseqüente e adotar um discurso econômico mais sério, condizente com a importância do papel que o partido vem desempenhando no processo político brasileiro. O PT agora assume o compromisso de respeitar contratos e enfatiza a necessidade de que o superávit primário seja dimensionado de forma a impedir que a dívida do setor público cresça como proporção do PIB. Reconhece que a redução da taxa de juros requer bem mais do que disposição e vontade política. Deixa claro que pretende preservar o sistema de metas para inflação e o regime de câmbio flutuante. E até considera a possibilidade de conceder mais independência formal ao Banco Central. Não é pouco.

Trata-se de uma mudança da maior importância. E extremamente promissora. Tivesse ocorrido há dois ou três anos, não haveria razão para toda a turbulência que hoje se observa nos mercados financeiros. Em vez de estar agora discutindo como aplacar os terríveis efeitos desestabilizadores advindos da incerteza acerca da política econômica do próximo governo, o País estaria mobilizado com uma campanha eleitoral centrada na discussão do que realmente importa. Como racionalizar o sistema tributário, de que forma reestruturar o gasto público, como retomar o crescimento econômico e a expansão do emprego em bases sustentáveis, como melhorar a distribuição de renda e caminhar para a eliminação da pobreza absoluta.

Pode-se até imaginar, à luz das novas idéias defendidas pelo PT, como a próxima campanha para a eleição presidencial, em 2006, poderá ser totalmente diferente da atual. Mas a questão imediata e mais premente é em que medida a conversão do PT, ainda que tardia, poderá contribuir, já em 2002, para um processo eleitoral menos tumultuado pela instabilidade financeira. Tudo depende, é claro, de quão convincente consiga ser o PT, ou visto de outro ângulo, de quão dispostos se mostrem os detentores de ativos financeiros a acreditar na mudança de discurso do partido.

Para perceber com a devida clareza as reais dimensões do desafio com que se defronta o PT nesse aspecto, é importante não tentar tapar o sol com a peneira. É preciso ter em mente que há não mais de 20 meses, nas eleições municipais de 2000, o partido estava defendendo idéias completamente estapafúrdias, que só serviram para alimentar os temores que estão por trás do atual quadro de instabilidade. O problema não é apenas ter o partido patrocinado o plebiscito que indagava à população se as dívidas externa e interna deveriam ser pagas. É bem mais grave. É ter cada um dos economistas supostamente menos radicais do PT se dado ao trabalho de publicar na época artigo assinado na imprensa dando respaldo pessoal ao plebiscito. Levar tudo isto em conta não é razão para desqualificar a reorientação a que agora se propõe o partido. Mas é

fundamental para entender a extensão das dificuldades que terão de ser enfrentadas para que o partido convença os mais incrédulos de que a mudança é para valer.

É preciso evitar dar um enfoque simplista à questão. Não parece ser o caso de indagar se o partido está ou não sendo sincero. Nem de rotular de terrorista quem resiste a acreditar na mudança do discurso. É claro que seria um desatino imaginar que tudo não passa de uma grande manobra de dissimulação. Tal orquestração nem mesmo seria viável. É perfeitamente possível que vários dos membros mais proeminentes do PT estejam sendo absolutamente sinceros na defesa dessas idéias a que o partido sempre foi tão refratário. O problema é que isto não significa que o PT, como partido, tenha sido de fato convertido. Afinal, trata-se de uma organização partidária extraordinariamente complexa. E o que está em pauta não é uma modificação menor no seu discurso. É difícil crer que as muitas facções do partido estejam igualmente convencidas do acerto e da oportunidade desse realinhamento. Há amplas evidências em contrário. Não é despropositado supor, portanto, que as resistências internas à defesa de uma política macroeconômica coerente e mais conservadora possam ter sido apenas momentaneamente vencidas, pela percepção de que a mudança do discurso aumenta em muito a probabilidade de vitória do candidato do PT na eleição presidencial.

Caso Lula seja de fato eleito, no entanto, a relutância de muitas facções do partido quanto ao acerto dessa reorientação vai certamente aflorar. Não é que o partido vá dar o dito pelo não dito no dia seguinte da eleição. Inclusive porque isto nem mesmo consultaria aos seus melhores interesses. O mais provável é que a relutância se manifeste de outra maneira. Que simplesmente aflore como falta de convicção. Por exemplo, para tomar as duras decisões de política fiscal compatíveis com o suposto compromisso de assegurar o superávit primário requerido para manter o endividamento do setor público sob controle.

Nessa área, entre intenções e ações pode haver um abismo. Sem ir mais longe, basta lembrar o que ocorreu no primeiro mandato de FHC. Não obstante as melhores intenções, houve forte deterioração do resultado primário do setor público entre 1994 e 1998. Em boa parte, tal deterioração foi apenas a resultante do entrechoque de visões conflitantes dentro do governo sobre a efetiva prioridade que deveria ser conferida ao esforço de ajuste fiscal. O que faltou não foi propriamente intenção, mas convicção. Muitos só se converteram de fato no final de 1998. O problema agora é que não há mais qualquer espaço para falta de convicção. Com um governo relutante, o quadro fiscal passa a ser visto como insustentável.

Ajuda ao PT o fato de que parece haver hoje no País, mesmo entre quem normalmente estaria propenso ao ceticismo, certa disposição para fazer tanto esforço quanto possível para acreditar na mudança de discurso do partido. Em parte, porque, para os incrédulos, a travessia dos próximos meses pode parecer excessivamente assustadora. Quanto dessa disposição é simples auto-ilusão, só o tempo dirá.

---

\* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.